

HC cria ambulatório para acabar com o medo da anestesia

Anestesista e paciente se conhecerão no local antes da cirurgia para diminuir a tensão

ROSA LUIZA BAPTISTELLA

O Hospital das Clínicas (HC) de São Paulo está criando um ambulatório de anestesia para atendimento pré e pós-operatório. A principal tarefa no setor será aproximar doente e anestesista, para transmitir segurança e diminuir a tensão emocional do paciente em véspera de cirurgia. Na maioria das vezes, a anestesia assusta mais que a cirurgia. Além dos mitos que cercam as drogas anestésicas, o especialista é quase sempre desconhecido, um médico circunstancial que só "aparece" na hora da operação.

"É muito importante o paciente perceber que o trabalho desse profissional não é um ato mecânico", analisa o professor de Anesteseologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Irimar de Paula Posso. Por isso, o anestesista precisa saber quem é o paciente, o que ele faz, quais são seus receios, seu histórico familiar. Fazer um acompanhamento antes e uma avaliação posterior.

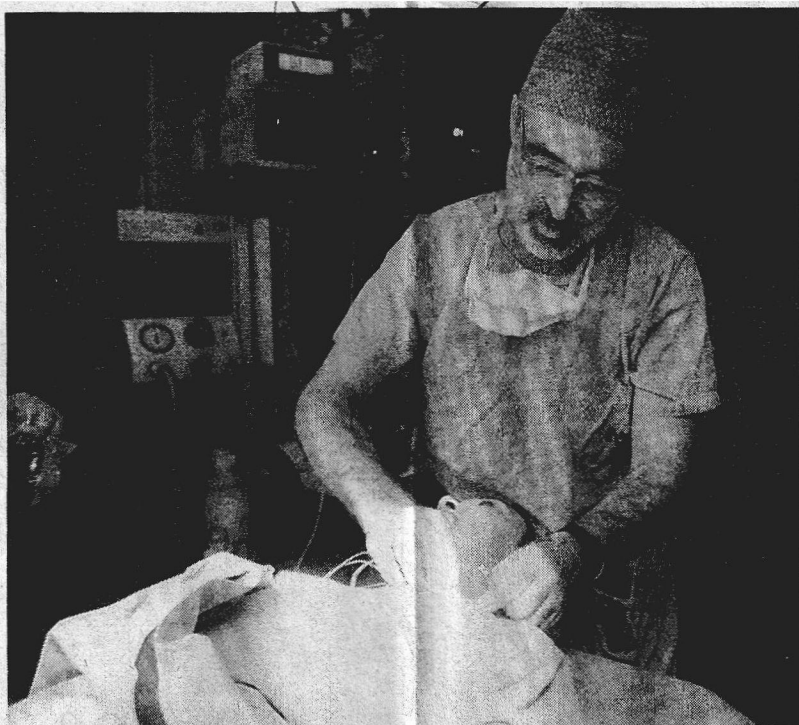
"O contato com o especialista antes da cirurgia proporciona bem-estar físico e psíquico ao doente", concorda o anestesista dos hospitais Beneficência Portuguesa e Santa Rita, Raimundo Rebuglio. O professor Posso acredita que o ambulatório — antiga reivindicação dos profissionais do HC — extrapolará a função de canal de comunicação entre as partes para atender o direito do paciente como consumidor. "É interessante para ele conhecer os tipos de anestesia e qual é o mais adequado para

seu caso", justifica.

Temores — "A anestesia é cercada de temores sem fundamento", afirma o professor. Ele costuma dizer que a "patrona" dos anestesistas é "santa" Clara Nunes, que morreu há 10 anos em consequência de um acidente anestésico durante uma cirurgia de varizes. "Apesar da repercussão negativa, o fato mexeu com a opinião pública, contribuindo para alertar a classe médica e donos de hospitais para a necessidade de melhorar as condições dos centros cirúrgicos", lembra.

De lá para cá, houve aprimoramento das drogas e os cuidados são maiores. Hoje, o anestesista faz um monitoramento do paciente por meio de aparelhos sofisticados e precisos, capazes de controlar a frequência cardíaca, registrar a pressão arterial mínima, média e máxima a cada dois minutos e quantificar o movimento do oxigênio na circulação. "Com essa retaguarda o desempenho técnico do anestesista melhora", sustenta Posso.

Outro avanço, relata Rebuglio, é o Centro de Referência da Hipertemia Maligna do Hospital São Paulo, criado há pouco mais de dois anos. Antes disso, era praticamente impossível encontrar o medicamento para combater a síndrome da hipertemia maligna, provocada por substâncias anestésicas, que impede o prosseguimento da operação. O paciente também pode diminuir os riscos iminentes da anestesia revelando todos os detalhes de sua saúde ao especialista.



Uma relação delicada

Irimar Posso prepara paciente para cirurgia: contato proporciona bem-estar físico e psíquico

Conheça os tipos de anestésias

Geral

O que é: depressão irregular e reversível do sistema nervoso central **Como é administrada:** forma endovenosa (drogas injetadas na veia) ou inalatória (inalação pelas vias respiratórias) **Efeitos:** produz sono (hipnose), perda de consciência (amnésia), relaxamento muscular e inibição da dor (analgesia)

Parcial ou Regional

Como é: o paciente não dorme, pois o efeito concentra-se em apenas uma parte do corpo **Tipos existentes:** local (que pode ser infiltrativa, quando o anestésico é injetado, e tópica, quando a droga é absorvida pela pele ou mucosa) e condutiva (bloqueia temporariamente a transmissão de impulsos nervosos)

